A ESPIRITUALIDADE DA VIDA NA PNEUMATOLOGIA DE JÜRGEN MOLTMANN

The spirituality of life in the pneumatology of Jürgen Moltmann

Prof. Dr. Marcio Cappelli[1]
Faculdade Batista do Rio de Janeiro

Resumo
O presente artigo procura tratar o tema da espiritualidade à luz das contribuições do teólogo protestante Jürgen Moltmann, especialmente a partir de sua pneumatologia. Para isso, alguns passos são necessários. Antes de qualquer coisa é preciso introduzir o termo "espiritualidade". Depois, também é importante ressaltar alguns pontos marcantes da biografia do teólogo escolhido, mostrando como eles se entrelaçam com a sua reflexão. Desse momento em diante, serão sublinhados os aspectos fundamentais de sua pneumatologia e como ela se desdobra em uma proposta de 'espiritualidade da vida' que contraria os estereótipos de uma vivência intimista da fé praticada como *fuga mundi*.

Palavras-chave: Espiritualidade da vida; Jürgen Moltmann; Pneumatologia.

Abstract
This article wants to treat the theme of spirituality in the light of the contributions of the protestant theologian Jürgen Moltmann, especially from his pneumatology. For this, it is necessary to take some steps. First of all we must introduce the term "spirituality". Then, it is also important to highlight some points in the biography of the chosen theologian, showing how they intertwine with his reflection. From that moment on, the fundamental aspects of his pneumatology will be emphasized and how it unfolds in a proposal of 'spirituality of life' that opposes the stereotypes of an intimate experience of faith practiced as a *fuga mundi*.

Keywords: Spirituality of life; Jürgen Moltmann; Pneumatology.

A espiritualidade cristã, a partir de grandes mestres como Orígenes, Evágrio, Gregório de Nazianzo, Gregório de Nissa, Agostinho de Hipona, Mestre Eckhart, Teresa de Ávila, João da Cruz e tantos outros configurou-se mais como uma mística da alma e da interioridade. Este texto procura refletir, sem deixar de reconhecer os enormes contributos desses nomes, numa direção diferente, sobre a espiritualidade entendida como amor à vida a partir do pensamento de Jürgen Moltmann. O teólogo alemão se destaca por causa de sua abrangência temática (política, ecológica, étnica, gênero, ética etc) e por ter uma preocupação com a vida integral (humana e não humana). Entretanto, sobretudo em sua pneumatologia, desenvolve a ideia de que não existe tensão entre experiência de vida e do Espírito, pois as experiências da vida são experiências de Deus.

[1] Professor na Faculdade Batista do Rio de Janeiro. Doutor em Teologia pela PUC-Rio.

O Espírito de Deus, que no dizer moltmanniano, é o "Espírito da Vida", tem como missão promover e preservar a vida. Dentro desta perspectiva, surge o desafio de ampliar a proposta de uma espiritualidade - uma vida segundo o espírito - que se caracterize como amor à existência e que se oponha aos poderes da morte. Por isso, destacaremos a ideia de uma espiritualidade que não aliena e que não é hostil ao corpo e à terra. Baseando-nos nas reflexões do teólogo da esperança, procuraremos afirmar que o Espírito presente no corpo e no mundo proporciona a experiência da vitalização e da libertação.

Antes de entrarmos no pensamento moltmanniano é necessário dizer que em nosso contexto, a palavra "espiritualidade" tornou-se tão polissêmica, uma vez que abriga diversas concepções e comportamentos, que seria impossível uma radiografia precisa.[2] No entanto, é razoável afirmar que ela parece não ser somente patrimônio de pessoas religiosas.[3] É cada vez mais comum ouvir falas do tipo: "não sou religioso, mas me considero uma pessoa espiritual", ou "detesto a religião, mas cultivo uma espiritualidade". Harvey Cox destaca que este termo passou a ser bastante usado porque ainda representa uma espécie de protesto contra os abusos da "religião" e confere importância ao deslumbramento diante da complexidade da natureza, bem como reconhece o afinamento das camadas que separam as diferentes tradições.[4] Neste sentido, a espiritualidade passa a designar um amplo espectro de práticas que denotam uma busca pelo transcendente (através das formas religiosas tradicionais ou não), mas também caracteriza grupos de pessoas que não querem mais uma espiritualidade da transcendência, mas também da imanência, uma espiritualidade que é absorvida e transformada pelo secular, pelo natural e pelo cotidiano, que cruza as fronteiras e que tem a ver, sobretudo, com a busca do desenvolvimento dos potenciais humanos tendo como objetivo a afirmação da vida.

---

[2] Reconhecemos que o termo "espiritualidade" ao longo da história recebeu e recebe ainda diversas designações. Por exemplo, remeteu à experiência, como destaca Certeau ao se referir ao emprego da palavra no século XVI e XVIII. Cf. CERTEAU, M. **La fábula mística**. Siglos XVI y XVII. Lomas de Santa Fé: Universidad Iberoamericana, 1993. p. 27. Ainda, como destaca Sheldrake, há tentativas de definir espiritualidade genericamente com o objetivo de transcender as especificidades das tradições religiosas no diálogo, mas também permanecem perspectivas religiosas bastante específicas. Cf. SHELDRAKE, P. **Espiritualidade e teologia**. Vida cristã e fé trinitária. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 53. Além disso, também reconhecemos que quando falamos em espiritualidade, hoje, não podemos negar que a palavra abriga formas intimistas que não tem como característica o comprometimento ético com o outro.

[3] SHELDRAKE, P. **Espiritualidade e teologia**, p. 52.

[4] Cf. COX, H. **The future of faith**. New York, NY: Harper One, 2009. p. 13-14.

Deste modo, a partir da leitura de obras de Jürgen Moltmann, sobressaímos que a espiritualidade deve ser compreendida como um "amor reflexivo à vida"[5] sim, mas que o amor a Deus não se opõe a isso e que, na perspectiva cristã, é possível aprofundar o amor à vida na medida em que se fazem experiências de Deus. Contudo, reconhecemos que tal insistência na afirmação da vida ou de uma espiritualidade da vida hoje não é gratuita, mas se origina também do lapso da espiritualidade cristã ocidental mais fundada na ruptura com o mundo e com o corpo e com o mundo.

Dito de outra maneira, o que pretendemos neste texto, em um breve percurso, é demonstrar como em sua pneumatologia, o teólogo alemão, principalmente na fase das contribuições sistemáticas para a teologia, faz uma releitura da espiritualidade cristã que se caracteriza justamente pela valorização da vida. Ou seja, nosso objetivo é destacar como a espiritualidade cristã, segundo Moltmann, em diálogo e revisão, foge das concepções mais intimistas de apego excessivo ao transcendente e certo desprezo pelo imanente.

Perfil bio-teológico de Jürgen Moltmann

Chamamos a esse tópico de perfil bio-teológico porque a teologia Moltmanniana possui fortes marcas autobiográficas.[6] Em outras palavras, é impossível pensar os temas teológicos de sua obra sem destacar as experiências vitais por detrás deles.

Jürgen Moltmann é uma das figuras mais importantes da Teologia Protestante atualmente, e uma das mais importantes da teologia do século XX. É considerado como o grande expoente da Teologia da Esperança (movimento contemporâneo que surgiu na Alemanha durante a segunda metade do século XX). Também é reconhecido por sua Teologia da Cruz, desenvolvida em período posterior, assim como por sua contribuição à Teologia Política, que elaborou juntamente com J. Metz.[7] Além disso, é reconhecido por seu grande esforço ecumênico e por seu diálogo com a Teologia Latino-Americana da Libertação.

---

[5] SOLOMON, Robert C. **Espiritualidade para céticos**. Paixão, verdade cósmica e racionalidade no século XXI. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 33.
[6] Cf. MOLTMANN, J. **Vida, esperança e justiça**: um testamento para a América Latina. São Bernardo do Campo: Editeo, 2008.
[7] Ibid., p. 279-322.

Moltmann e, por conseguinte, sua teologia foi profundamente marcado pelos horrores da Segunda Guerra e pela experiência da prisão num campo de trabalhos na Escócia (Northon Camp). Como ele mesmo sublinha:

> O começo de minha busca teológica por Deus coincidiu com o fim pavoroso de minha cidade natal, Hamburgo, em 1943. Pode-se dizer que sou um sobrevivente de "Sodoma e Gomorra". Essa menção não tem nada a ver com a poesia religiosa, mas com uma realidade dolorosa. Quando essa lembrança me vem à mente me assaltam temor e tremor. (...) Nas últimas semanas de julho de 1943 aquela cidade foi destruída pelo fogo provocado por "Sodoma e Gomorra", nome dado à operação de bombardeio da força aérea britânica. A bomba que esfacelou um de meus colegas, ao meu lado, me poupou de modo indescritível. Naquela noite de morte em massa, eu gritei pela primeira vez por Deus: Meu Deus, onde tu estás? Onde está Deus?[8]

Contudo, ainda é pouco afirmar que essa experiência marca sua reflexão. Ela é, sobretudo, uma espécie de experiência fundante sobre a qual o autor se debruça constantemente, fazendo assim dela quase que uma etapa do seu método teológico. Isto especialmente a partir de sua obra "O Deus crucificado". O próprio Moltmann observa: "um teólogo verdadeiro deve ter elaborado a sua luta com Deus, a sua experiência de Deus, seus medos de Deus e sua alegria em Deus."[9] Assim, após experimentar o esfacelamento das certezas que lhe fundamentavam a existência e os poderes da morte, nesse contexto, surge, na ausência de sentido, a pergunta por Deus e uma nova esperança na fé cristã.[10]

> Em maio de 1945, tivemos que empurrar um veiculo no miserável campo de prisioneiros na Bélgica. Eu fui escalado e sem a menor vontade. De repente, notei que estava entre lindas cerejeiras florescentes. A vida plena "olhou" para mim. Eu caí, quase inconsciente, mas senti a primeira centelha de vida novamente em mim. Na Escócia, trabalhamos na construção de ruas junto ao povo nativo. Eles nos chamavam pelo nome mesmo que nós trouxéssemos em nossas costas apenas números. Eles trataram seus antigos inimigos com uma hospitalidade tão natural, uma solidariedade tão humana que me senti profundamente envergonhado. Por meio deles, fomos transformados de figuras petrificadas em pessoas que novamente podiam sorrir. Então recebi uma Bíblia como presente de um

[8] Ibid., p. 10.
[9] MOLTMANN, J. **Experiências de reflexão teológica**: caminhos e formas da teologia cristã. São Leopoldo: Unisinos, 2004. p. 32.
[10] Cf. MOLTMANN, J. **A fonte da vida**: O Espírito Santo e a teologia da vida. São Paulo: Loyola, 2002. p. 9-17.

> capelão do exército inglês (...). Li o evangelho de Marcos e encontrei a passagem que menciona o grito de morte de Jesus: "Meu Deus, porque me desamparaste?". Foi naquele momento que pude saber com certeza: "Aí está um que me entende". (...) Eu nunca experimentei Deus como opressivo ou alienante, mas sempre como esse lugar espaçoso da liberdade, do qual se pode respirar e ressurgir.[11]

Deste modo, a sua teologia (nas suas diversas fases, tendo como pano de fundo as experiências da guerra), embebida nessas lutas e angústias, pode ser entendida como uma afirmação da vida ou como uma oposição ao que diminui o ser humano. Isso pode ser verificado no primeiro período de sua produção teológica, caracterizado pela chamada "Trilogia da Esperança" (*Teologia da esperança*, *O Deus crucificado,*[12] *A Igreja na força do Espírito*), que começa em 1964 e vai até 1975, mas também a partir de 1980 com a publicação de *Trindade e Reino de Deus*[13] que inaugura uma nova fase, marcada sobretudo pela preocupação ecológica. Esse projeto foi denominado de Contribuições sistemáticas para Teologia. Essa outra fase foi consolidada com as obras *Deus na criação,*[14] de 1985; *O caminho de Jesus Cristo,*[15] de 1989; *O Espírito da vida,*[16] de 1991; *A vinda de Deus,*[17] de 1995; e, finalmente, *Experiências de reflexão teológicas,*[18] de 1999.

Isto posto, podemos dizer que o pensamento teológico de Jürgen Moltmann é importante, entre outros motivos, por causa do alcance temático (política, ecológica, étnica, gênero, ética etc.) e por ser uma teologia que se preocupa com os desdobramentos concretos na vida pensada integralmente.

Essa preocupação com a valorização da vida, a partir da experiência da guerra, aparece em um dos temas mais importantes de sua teologia que é a teopatia, que

---

[11] MOLTMANN, J. **Vida, esperança e justiça**. p. 12. Moltmann se refere muito a expressão "lugar espaçoso" para falar da sua experiência com Deus. Um dos livros que fala da sua experiência pessoal e teológica tem como título esta expressão ("Weiter Raum"). Cf. KUZMA, C. **O futuro de Deus na missão da esperança**: uma aproximação escatológica. São Paulo: Paulinas 2014. p. 85.

[12]Cf. MOLTMANN, J. **O Deus crucificado**: a cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã. Santo André: Academia Cristã, 2011.

[13] Cf. MOLTMANN, J. **Trindade e Reino de Deus**: uma contribuição para a Teologia. Petrópolis: Vozes, 2011.

[14] Cf. MOLTMANN, J. **Dios em la criación**: doctrina ecológica de la criación. Salamanca: Sigueme, 1987.

[15] Cf. MOLTMANN, J. **O caminho de Jesus Cristo**: Cristologia em dimensões messiânicas. Santo André: Academia Cristã, 2009.

[16] Cf. MOLTMANN, J. **O espírito da vida**. Uma pneumatologia integral. Petrópolis: Vozes, 1999.

[17] Cf. MOLTMANN, J. **A vinda de Deus**: escatologia cristã. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

[18] Cf. MOLTMANN, J. **Experiências de reflexão teológica**: caminhos e formas da teologia cristã. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

percorre todo o seu pensamento e se coloca como alternativa ao teísmo clássico. Para Moltmann o teísmo pensa Deus à custa do homem, como um ser todo-poderoso, perfeito e infinito. Consequentemente, o ser humano aparece como um ser menor.[19] Essa imagem de Deus foi elaborada através de um complexo processo histórico que trouxe consigo poderosos amálgamas que não foram desfeitos até hoje.

Conforme destaca o teólogo alemão:

> Podemos ver isso no conceito de Deus, no fato de que Deus foi compreendido em termos da imagem dos faraós egípcios, dos reis persas e dos imperadores romanos. A igreja outorgou a Deus aqueles atributos que antes pertenciam exclusivamente ao césar. Ao fazê-lo certamente colocaram os césares sob autoridade de Deus, em um sentido crítico, mas ao mesmo tempo, formularam a autoridade de deus em termos da imagem dos césares, em um sentido afirmativo. No grande período da origem da filosofia e da teologia teísta, que culminou no Islã, o pensamento tinha três linhas principais: 1) Deus na imagem do imperador romano; 2) deus na imagem da personificação da energia moral; 3) Deus na imagem do principio final da filosofia.[20]

Essas perspectivas podem ser consideradas idolátricas diante do escândalo do Deus crucificado. Afinal, no crucificado não se vê o César regente, o moralista cruel e tampouco o motor imóvel. Mas, sim os princípios que operam no mundo silenciosamente pelo amor que não governa, não é imóvel e nem legalista.[21]

Além disso, o teísmo arranca do homem aquilo que lhe é constitutivo como humano, ou seja, aliena-o da sua liberdade e alegria. Só resta então a lógica binária que se traduz da seguinte maneira: “Se o homem é livre, então não existe um Deus.; se existe um Deus, então o homem não é livre.”[22]

Ou seja,

> um Deus que é concebido em sua onipotência perfeição e infinitude a custa do homem não pode ser o Deus que é amor na cruz de Jesus, que realiza um encontro humano de maneira a restaurar sua humanidade perdida para divindades infelizes e orgulhosas, que se fez pobre para que muitos se tornassem ricos. O Deus concebido à custa do homem não pode ser o Pai e Jesus Cristo.[23]

---

[19] Cf. MOLTMANN, J. **O Deus crucificado**. p. 314.
[20] Ibid., p. 314.
[21] Ibid., p. 315.
[22] Ibid.
[23] Ibid.

Moltmann milita contra essas ideias que contrariam a verdadeira imagem de Deus. O teólogo se concentra em diluir principalmente a compreensão filosófica helênica que está na raiz do pensamento teísta, segundo a qual o sofrimento é incompatível com o ser de Deus. Compreensão que, desde Aristóteles e Platão, denominava a perfeição de Deus como *apatheia.* Nessa perspectiva, o conceito de Deus que se depreende daquilo que a filosofia grega acredita ser adequado a Deus interpreta e define a substância divina como apática; pois caso contrário, sendo ela passível, não seria divina. Ou seja, a substância divina não pode estar submissa às realidades deste mundo, mas permanece sempre eterna e dá sustento ao mundo contingente.[24]

Contudo, na contramão dessas concepções, que segundo o teólogo alemão geram uma espécie de efeito anestesiador no ser humano, ressalta-se o conceito de "teopatia", constatado a partir da dinâmica intra-trinitária da teologia da cruz, que faz compreender a paixão de Cristo como paixão de Deus.[25]

Dito de outra maneira, Deus verdadeiramente assume, desde a encarnação de Jesus até o mistério de sua paixão e morte, toda sua realidade humana. Torna-se para os seres humanos, um Deus muito mais próximo, pois não é um ser frio, que nega a condição vulnerável. Assim, o Deus da fé cristã trinitária é um Deus que se sensibiliza com a condição de suas criaturas, e, em seu infinito amor, faz-se solidário em todo sofrimento e se coloca ao lado das vítimas da história. Essa solidariedade de Deus nos sofrimentos humanos mobiliza os seres humanos para um viver compassivo.

A pneumatologia moltmanniana

Aqui, destacamos a sua pneumatologia. Nesta, os acentos biográficos estão fortemente presentes, afinal, para o teólogo alemão não existe tensão entre experiência de vida e experiência do Espírito, pois as experiências da vida são experiências de Deus e nesta unidade de experiências revela-se o "Espírito da vida".

Nas primeiras obras da chamada Trilogia da Esperança, o Espírito parece não ter voz própria, o que vai mudando na medida em que chegamos à fase das contribuições sistemáticas à teologia.

Conforme ressalta Costa Junior:

---

[24] Cf. MOLTMANN, J. **Trindade e Reino de Deus**. Petrópolis: Vozes, 1980. p. 35.; Cf. MOLTMANN, J. **Quem é Jesus Cristo para nós, hoje?** Petrópolis: Vozes, 1996. p. 45.
[25] Cf. MOLTMANN, J . **Trindade e Reino de Deus**. p. 39.

> Na Trilogia da Esperança, Moltmann entende o Espírito Santo como a vida da nova criação, que surge a partir da ressureição de Jesus e move a história para a transformação escatológica do mundo (Teologia da Esperança); segue com o Espírito como reconciliador, ou seja, ele une o Pai e o Filho na cruz (O Deus crucificado); o Espírito está em relação com a igreja, pois é a sua força, ela a comunidade dos libertos pelo Espírito (A igreja na força do Espírito).[26]

Contudo, o Moltmann da fase das contribuições sistemáticas confere lugar de destaque ao Espírito. Nesses textos, o teólogo de Hamburgo fundamenta a sua pneumatologia em diálogo com a Bíblia. A *Ruah* divina - presente no Primeiro Testamento - é entendida como uma força atuante no corpo e na alma, como fôlego vivificante. O Espírito é o Espírito da Vida. Ele é simbolicamente caracterizado como um furacão, uma tempestade presente tanto na humanidade, como na natureza renovando toda a criação (Ex 14.21; Ez 13.13ss).[27]

A partir disso, Moltmann estabelece uma ruptura com uma compreensão reducionista e empobrecedora do agir do Espírito, segundo a qual, de um lado, ter-se-ia o mundo, espaço que por ser profano, nele, Deus não poderia ser reconhecido, e do outro lado, o espaço próprio do sagrado. O teólogo alemão elabora, assim, uma pneumatologia integral. Ele destaca toda a criação como campo de atuação do agir criador e libertador do Espírito que não tem limites.[28]

Outro ponto de apoio importante de que se vale Moltmann é a comparação entre a Shekinah de Deus e o Espírito de Deus. Com isso, quer identificar a ação redentora de Deus em meio ao seu povo com a sua "inabitação" histórica nas lutas de Israel. Desta forma, fica marcada a empatia de Deus com o sofrimento do povo. Deixando claro que o lugar de atuação do espírito é a história.[29]

Além disso, a reflexão pneumatológica moltmanniana possui um forte acento trinitário. No seu agir pericorético, em favor da criação, o Deus Triúno visa à libertação do toda realidade criada, por meio de um processo kenótico, já que se esvazia de si mesmo para inundar de graça o mundo. Deste modo, Deus opera por meio do Espírito a

---

[26] COSTA JUNIOR, J. **Celebração da vida**: vitalidade e mística na pneumatologia trinitária de Jürgen Moltmann. Dissertação de Mestrado. São Bernardo do Campo: UMESP, 2004. p. 48.
[27] BASTOS, L.; MOLTMANN, J. **O futuro da criação**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2011. p. 135.
[28] Cf. MOLTMANN, J. **O espírito da vida**. Uma pneumatologia integral. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 49-51
[29] Cf. Ibid., p.55-56.

partir da ressureição de Cristo, o processo no interior da criação imprimindo-lhe uma característica prospectiva, escatológica.[30]

Portanto, o Espírito de Deus não está isolado do mundo, mas tem sua santidade caracterizada no engajamento libertador que visa a implantação definitiva da Nova Criação. Se com Moltmann entendemos a espiritualidade como a vida no Espírito, ou seja, como a vida dinamizada (*dynamus*) pelo Espírito, conforme destaca Bastos: "o que daí decorre é que experimentar ser conduzido por esse espírito significa vivenciar uma espiritualidade da vida: uma forma de "santidade social"".[31]

A espiritualidade na pneumatologia moltmanniana

A pneumatologia integral de Moltmann leva a uma práxis, pois quer despertar da apatia e da falta de sentido.[32] O Espírito da Vida tem como missão promover a vida. Foi por este motivo que Deus enviou o seu Espírito, para promover e preservar a vida. Dentro desta perspectiva surge o desafio de desenvolver uma espiritualidade como amor à vida e que se opõe aos poderes da morte.[33] Além de se opor a ideia de uma espiritualidade que aliena da vida, o teólogo da esperança reafirma que o Espírito presente na vida corporal é experiência de vitalização e libertação.

O próprio Moltmann destaca que:

> Hoje, impõe-se cada vez mais o discurso da "espiritualidade". Antigamente dizia-se "religiosidade" ou simplesmente "piedade". "Espiritualidade", porém, soa como algo mais elevado. Quando ouvimos a palavra, pensamos em retiro de meditação e na vida contemplativa atrás de muros de mosteiros. São consideradas espirituais as experiências religiosas interiores das freiras e dos monges, que renunciam aos afazeres e prazeres da "vida mundana" e se dedicam ao "estado espiritual". Vivem como celibatários e sem propriedade, a fim de trilhar, sem incômodos e empecilhos, o "caminho da perfeição" segundo os "conselhos evangélicos". Suas experiências interiores de Deus estão ligadas a ascese corporal e as regras da vida na ordem monástica, com pequeno e o grande jejum e as épocas regulares de adoração e devoção, além de terem praticado no passado flagelações ao próprio corpo para salvar a alma. Se esses grupos e esse estilo de vida determinam o que hoje significa

[30] Cf. Ibid., p. 76-78.
[31] BASTOS, L; MOLTMANN, J. **O futuro da criação**. p. 138.
[32] Cf. MOLTMANN, J. **A fonte da vida.** p. 27.
[33] MOLTMANN, J. **O espírito da vida.** p. 97.

> espiritualidade, então já ficam estabelecidas visíveis cisões da vida cotidiana para maioria das outras pessoas. [34]

Há, portanto, uma crítica em relação a uma espiritualidade de afastamento do mundo e hostil ao corpo, que para o teólogo é fruto do influxo da compreensão grega platônica e neoplatônica, sobretudo em Agostinho.[35] Isso se deu na medida em que o cristianismo foi se afastando de suas raízes hebraicas, a redenção foi sendo espiritualizada e Paulo começou a ser lido somente através da chave helenista e romana, o que por consequência fez com que a marca apocalíptica de sua antropologia e cosmologia fosse aos poucos apagada.[36] Desta maneira, desenvolveu-se uma mística da alma. Isso gerou, segundo Moltmann: uma dignidade de cada alma particular acima da dignidade do corpo, a valorização dos direitos da pessoa individual mais do que os direitos comunitários e uma percepção de que a dignidade humana está acima da dignidade das demais criaturas e da terra.[37]

Deste modo, o teólogo busca reconciliar a espiritualidade cristã com suas raízes hebraicas e faz referências ao Primeiro Testamento.

A partir de Êxodo 20.10, fala de uma "espiritualidade do corpo". Em outras palavras, o que o teólogo alemão propõe é uma celebração do corpo. Neste sentido, o corpo recebe nova cidadania no campo da espiritualidade, é integrado. Diferentemente da antropologia devedora do dualismo platônico ocidental, onde a alma recebe destaque, o que Moltmann propõe é uma antropologia cristã em diálogo com a pneumatologia em que o Espírito de Deus é visto como vivificador e libertador da alma, mas também do corpo. Segundo ele, essa outra espiritualidade consiste em soltar o corpo das disciplinas da vontade e da alma, ou seja, depois da concentração precisamos da distração. Essa é, para Moltmann, a sabedoria judaica do sábado.[38] Deste modo, o corpo deve ser visto como potencial lugar do acontecimento festivo, onde se contraria a lógica capitalista do trabalho que o objetifica. Daí (da sabedoria do sábado) decorrem duas afirmações fundamentais: 1) a do direito ao trabalho (trabalharás durante seis dias) e 2) do direito ao descanso (shabbat). A bênção do trabalho e, sobretudo, a do descanso devem estar disponíveis para todos os homens e mulheres. É no ritmo da alternância do trabalho e do descanso que encontramos o pulsar da vida, como destaca o nosso autor.[39]

---

[34] MOLTMANN, J. **A fonte da vida.** p. 77.
[35] Ibid., p. 81-82.
[36] Ibid., p. 79-80.
[37] Ibid., p. 85.
[38] Ibid., p. 88.
[39] Ibid., p. 89.

Também descreve, seguindo o projeto de reconciliação com as raízes hebraicas, agora nos rastros do profetismo, uma "espiritualidade política da libertação", que protesta contra toda opressão. Aqui se pode afirmar que Moltmann se posiciona contra toda forma de espiritualidade alienante. Contra a falsa dicotomia entre o engajamento político e entre vida devocional (contemplativa). Alinhado com o profetismo, essa faceta da espiritualidade da vida pretende enfatizar que as práticas devocionais (oração, cultos, etc) não podem servir de anestésico. Afinal, a experiência do Espírito da Vida contém a exigência da conversão ao outro e coloca em marcha contra tudo o que diminui a sua dignidade. Dito de outro modo, a verdadeira espiritualidade não pode ser uma experiência solitária, pois cada indivíduo existe em redes que compõem o tecido das relações sociais e políticas. As práticas das chamadas disciplinas espirituais não podem fazer antagonismo com as ações políticas. Vale lembrar que, no profetismo de Israel, a libertação dos oprimidos faz parte do verdadeiro jejum:

> Porventura não é este o jejum que escolhi, que soltes as ligaduras da impiedade, que desfaças as ataduras do jugo e que deixes livres os oprimidos, e despedaces todo o jugo? Porventura não é também que repartas o teu pão com o faminto, e recolhas em casa os pobres abandonados; e, quando vires o nu, o cubras, e não te escondas da tua carne? Então romperá a tua luz como a alva, e a tua cura apressadamente brotará, e a tua justiça irá adiante de ti, e a glória do Senhor será a tua retaguarda. (Is 58.6-8)

Ainda, outro vetor da espiritualidade da vida é a "espiritualidade da terra", que tem seu fundamento na regra do ano sabático (Lv 25), que significa um grito em favor do descanso da terra contra os abusos predatórios. Essa experiência é considerada como um sábado de descanso para a terra, acontecendo de sete em sete anos.[40] De maneira resumida, o que Moltmann quer destacar é que aquele e aquela que fazem a experiência do Espírito da Vida, que é o Espírito Criador, relacionam-se com a criação, transpassada por essa presença dinamizadora, de modo a preservá-la. O teólogo de Hamburgo desenvolve, assim, a tese de que ao voltar-se para as suas raízes hebraicas a espiritualidade cristã deve reconciliar-se com a Terra e de que o sujeito da experiência deve procurar meios de relacionar-se com a criação não mais a partir de um paradigma antropocêntrico e racionalista que ele descreve como fruto da modernidade e que tem levado à exaustão os recursos naturais. Segundo a moderna forma de ler a Bíblia o ser humano é a "coroa da criação". Apenas o ser humano foi criado como imagem de Deus e com a vocação para governar sobre a terra e todos os demais seres vivos: "[...]

[40] Cf. Levítico 25.4.

sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todo animal que rasteja pela terra" (Gn 1.28). De acordo com o Salmo 8.6, Deus deu ao ser humano "[...] domínio sobre as obras da tua mão e sob seus pés tudo puseste". Por conta disso, o ser humano deveria subjugar a terra e as demais criaturas. No segundo relato da criação o ser humano deveria antes cuidar e preservar como jardineiro do Jardim do Éden. Isto soa como algo ameno e cuidadoso, mas em ambos os relatos o ser humano é descrito como sujeito, enquanto que a terra, juntamente com todos seus habitantes, é mostrada como objeto.

Entretanto, na esteira da tradição sabática que contraria esse modelo construído na modernidade de relação com a criação, Moltmann destaca que as pessoas são uma parte da natureza,[41] aliás, na narrativa, o fato de os seres humanos serem os últimos a serem criados não indica a sua proeminência, mas sua maior dependência. Para continuar sobrevivendo é imperativo que haja uma integração à natureza terrena e a comunidade dos seres criados. O que de fato compete ao ser humano não é uma atitude arrogante de poder sobre a natureza. O que cabe, antes, é uma atitude de "humildade cósmica" e uma respeitosa atenção. Afinal, a Terra pode viver sem os seres humanos, mas não o contrário.

Conclusão

Essas espiritualidades que compõem a *espiritualidade da vida* (vitalidade), estão necessariamente no dizer de Moltmann,

> em conflito com a mística da morte, que fez generais fascistas exclamarem na Espanha: Viva la muerte! Quanto mais forte se torna a vontade para a vida, tanto mais ela haverá de experimentar a resistência dos instintos da morte. Quanto mais sensíveis se tornam os homens para a felicidade da vida tanto mais eles sentem a dor pelos fracassos da vida. Vida no Espírito é vida contra a morte; não é vida contra o corpo, mas sim a favor de sua libertação e de sua glorificação. Dizer sim à vida significa dizer não à guerra e suas deveastações. Dizer sim à vida significa dizer não à pobreza e suas humilhações. Não existe neste mundo nenhuma afirmação autêntica da vida sem luta contra as negações da vida.[42]

Isto requer que seja revista qualquer espiritualidade intimista vivida como uma *fuga mundi*. Por isso, o autor chega ousadamente a propor uma equiparação entre os

[41] Cf. MOLTMANN, J. **A fonte da vida**. p. 90.
[42] Cf. MOLTMANN, J. **O espírito da vida**. p. 100.

termos espiritualidade e vitalidade, porque para ele as experiências de Deus não diminuem as experiências da vida, mas a aprofundam. Quanto mais se ama a Deus, tanto mais ama-se a vida. Quanto mais se vive, tanto mais sente-se a Deus, a fonte da vida e da vitalidade eterna.[43] Em outras palavras, portanto, o que Moltmann faz é perguntar provocativamente, como na narrativa do livro de Atos os personagens celestiais perguntaram aos discípulos que testemunharam a ascensão de Jesus: "por que vocês estão olhando para o céu?" (At 1.11) A espiritualidade da vida, porém, rompe com o jeito anestesiado de viver e resiste aos podres da morte que estão em seu redor. Essa proposta integral provocada pelo Espírito como um sim total à vida pode ser vista na releitura que Moltmann faz da célebre passagem de Agostinho no livro X das Confissões. Agostinho escreveu:

> O que afinal, amo, quando te amo? Não é beleza de um corpo nem o ritmo do tempo acelerado; não é o brilho da luz tão agradável aos olhos; não são as doces melodias no mundo dos sons de toda espécie; não é o perfume das flores dos unguentos e especiarias; não é o maná nem o mel; não são os membros do corpo, deliciosos para o abraço carnal. Nada disso eu amo quando amo a meu Deus. [44]

E Moltmann responde:

> Quando amo a Deus, amo a beleza dos corpos, o ritmo dos movimentos, o brilho dos olhos, os abraços, os sentimentos, os perfumes, os sons desta criação multicor. Gostaria de abraçar a tudo, quando amo a ti, meu Deus, pois eu te amo com todos os meus sentidos nas criaturas do teu amor. Tu esperas por mim em todas as coisas que vem ao meu encontro.[45]

Portanto, a espiritualidade (vida no *dynamus* do Espírito) que aparece nas palavras acima, em conexão com a biografia de Moltmann, e na sua pneumatologia aponta para a afirmação da vida humana num "lugar espaçoso" que é possibilitado pelo próprio Deus (*Makom*)[46] e rejeição de outras espiritualidades que estão firmadas no desprezo pelo mundo, pelo corpo e pela história.

---

[43] Cf. MOLTMANN, J. **A fonte da vida**. p. 93.
[44] Optamos aqui pela tradução contida no livro de Moltmann, a Fonte da Vida, para valorizar a releitura que o autor faz do texto agostiniano. Cf. MOLTMANN, J. **A fonte da vida**. p. 93.
[45] Ibid., p. 93.
[46] Cf. Ibid., p. 92

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, L; MOLTMANN, J. **O futuro da criação**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2011.

CERTEAU, M. **La fábula mística**. Siglos XVI y XVII. Lomas de Santa Fé: Universidad Iberoamericana, 1993.

COSTA JUNIOR, J. **Celebração da vida**: vitalidade e mística na pneumatologia trinitária de Jürgen Moltmann. Dissertação de Mestrado. São Bernardo do Campo: UMESP, 2004.

COX, H. **The future of faith**. New York: Harper One, 2009.

KUZMA, C. **O futuro de Deus na missão da esperança**: uma aproximação escatológica. São Paulo: Paulinas 2014.

MOLTMANN, J. **Vida, esperança e justiça**: um testamento para a América Latina. São Bernardo do Campo: Editeo, 2008.

_____. **Experiências de reflexão teológica**: caminhos e formas da teologia cristã. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

_____. **A fonte da vida**: O Espírito Santo e a teologia da vida. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. **O Deus crucificado**: a cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã. Santo André: Academia Cristã, 2011.

_____. **Trindade e Reino de Deus**: uma contribuição para a Teologia. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. **Dios em la criación**: doctrina ecológica de la criación. Salamanca: Sigueme, 1987.

_____. **O caminho de Jesus Cristo**: Cristologia em dimensões messiânicas. Santo André: Academia Cristã, 2009.

_____. **O espírito da vida**. Uma pneumatologia integral. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **A vinda de Deus**: escatologia cristã. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

_____. **O Deus crucificado**: A cruz de cristo como base e crítica da teologia cristã. Santo André: Academia Cristã, 2011.

SHELDRAKE, P. **Espiritualidade e teologia**. Vida cristã e fé trinitária. São Paulo: Paulinas, 2005.

SOLOMON, Robert C. **Espiritualidade para céticos**. Paixão, verdade cósmica e racionalidade no século XXI. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.